



# A Arcádia



Edição Especial

Órgão de história – Publicação Mensal  
[historiaesperancense@gmail.com](mailto:historiaesperancense@gmail.com)

Esperança 91

---

ANO II Quinta, 01 de dezembro de 2016 N°17

---

O topônimo de “Banabuyé” é bastante antigo. Um documento de 1757 registra que o Capitão-mór Clemente de Amorim e Souza recebeu ordens do Governador para relacionar as freguesias existentes na então Parahyba, descrevendo-as e anotando as suas distâncias. Esta carta existente na Torre do Tombo em Portugal apresenta o “Sítio Banabuyé nas proximidades de Campina Grande, situado à beira de um açude” (R.IHGP-1953, p. 10-13).

Banabugé foi sempre o nome deste lugar; mas um missionário que por ali passou mudou-o, sem motivo plausível, para Esperança, que, por mais auspicioso que seja, deve ser abandonado, prevalecendo o nome indígena, por ser expressivo. No terreno em que está Banabugé e em seu districto ha numerosos tanques ou cavernas obstruidas. JÓFFILY, Irineu. Notas sobre a Parahyba: 1892.

O historiador Irineu Joffily refere-se a “Banabugé”, pertencente ao município de Alagoa Nova, como sendo uma “grande e aprazível povoação, três léguas à O., ao pé de grande rocha, que se estende encoberta por baixo de suas casas” (Notas sobre a Parahyba: 1892).

No Dicionário Geográfico do Brasil para o ano de 1894, o verbete Banabuyé aparece com a seguinte descrição:

“BANABUIHÉ ou BANABUYÉ. Pov. do Estado da Parahybã do Norte, no termo de Alagoa Nova, com uma esch. publ. do inst. prim., creada pela Lei Prov. n. 339 de 27 de novembro de 1869. Ahí nasce o Riachão, que, depois de separar o mun. de Alagôa Nova do de Arêa, vae desaguar no Mamanguape. Fica a 12 kils. ao NO. de Alagôa Nova. Posue uma feira concorrida e uma capella”.

Consultando notas corográficas encontra-se o seguinte:

“Banabuié - Sesmarias concedida a um certo João da Rocha e que foi revalidada em 1753. Situada na zona de agreste, entre o brejo e o Curimataú, se formou em torno de 1862 como um aglomerado de casas, núcleo inicial da atual e florescente cidade de Esperança” (SALES: 1990, p. 192).

Para Coriolano de Medeiros (Diccionario Chorographico: 1914), este missionário teria sido o Padre Ibiapina. Conta a tradição que este clérigo haveria denominado esta e outras duas cidades segundo as três virtudes teológicas: Fé, Esperança e Caridade. De forma que, foram denominadas as povoações de Santa Fé (Arara), Banabuyé (Esperança) e Caridade (Soledade ou Pocinhos). Supõe-se também que o Padre José Antonio Pereira Ibiapina tenha construído o Cemitério local, motivado por um surto de “Colera morbus”.

Outra versão atribui o fato ao capuchinho italiano Frei Venâncio, sendo este o primeiro a celebrar missa nessas paragens, no lugar hoje bairro “Beleza dos Campos”. Enquanto que uma terceira corrente indica o Frade Hermenegildo Herculano Vieira da Cunha (Frei Herculano).

Assim nasceu **Banabuyé** de Esperança que este ano completa 91 anos de emancipação política. Nesta edição especial, queremos parabenizar o nosso pequeno Lyrio com votos de que seus ramos estejam sempre verdes e sua flor alva com o branco da paz. Nas palavras do poeta: Augusta cidade que enche nossos cantos juvenis.





## EXPEDIENTE :

**A Arcádia - Jornal de história**

Publicação Mensal - Ano II, N° 17

Redatores: **Rau Ferreira/Hauane/Heloise**

Contato: [historiaesperancense@gmail.com](mailto:historiaesperancense@gmail.com)

Aceita-se produção textual e contribuições:



## *Esperança - Vila moça do agreste\**

*Rau Ferreira*

Situada no contraforte da Borborema está uma pequena faixa de terras brancas e arenosas. A antiga povoação de Banabuyé, decantada por Jóffily, é hoje Esperança – “A vila moça do Agreste\*”, nascida da expansão interna da agricultura paraibana em uma antiga zona de criação de gado.

Não possui rios perenes, mas cultiva mandioca, fumo, feijão e a batatinha que exporta pra diversos Estados. Importante entreposto, seu comércio fornece rapadura para abastecer os sertões desbravando um caminho sem precisar passar por Campina. É desafiadora, ciosa de suas forças e de seu destino.

Nela há diversos tanques, depósitos naturais que captam a água da chuva. A mão do homem desobstruiu um lajedo para aumentar o volume de água, fechou com uma murada a fenda e protegeu-a cercando a superfície de pedra, ousando denominá-la de “Araçá”.

A água da internada contida nesta depressão serve para o restante do ano, garantindo o suprimento potável de sua população. No combate às secas há ainda três ou quatro reservatórios como esse, além de um pequeno açude cujo nome indígena nos remete à pasta verde onde as borboletas costumavam pousas, e que formam o contingente na época de estiagem.

Nessa mesma área há um enorme paredão de pedra ao nível de encosta de serras, literalmente lavradas.

Nesse espigão de serra pode-se muito bem extrair minério e material de brita para construção.

Uma lagoa seca, na zona mais baixa daquela urbe, serve de campo de futebol. Por ali alguém apareceu com uma velha bola de couro de onça pintada, troféu da revolução constitucionalista de '32.

Possui um belíssimo templo, onde a comunidade se reúne para congregar os votos cristãos. A irmandade do Santíssimo segue as orientações do pároco local.

Sim, havia cajueiros que produziam sombra mansa. E as gameleiras que enfeitavam a rua principal foram estacas da antiga fazenda que lhe deu nome.

Hoje a vila é uma promissora cidade estabelecida entre as dez primeiras economias da Parahyba. A moça toma aspectos de mulher. Suas ruas foram asfaltadas, há faixas de pedestres, faróis, creches, prédios públicos que abrigam o fórum e a promotoria de justiça.

Essa modernidade toda provoca novos hábitos: A meninada não brinca mais nas ruas, as senhoras não se sentam nas calçadas e não há mais aquele sursum corda de beiral de porta.

Silvino o seu poema agora é mais que atual do que nunca: “*Ó vida boa de ócio ingênuo e lindo,/ Ao recordar-te vem-me agora um enorme/ Desejo alegre de chorar sorrindo...*” (Retorno, Sombra Iluminada: 1927).

(\*) Na expressão de Luciano Varêda. Vida Doméstica Ed. 218: 1936.



## O VELHO BANABUYÊ

O Açúde Banabuyé, certamente, foi o local mais conhecido da antiga vila. Nas proximidades os índios construíram um reservatório d'água e o seu manancial abasteceu a Paróquia e a população esperancense que retirava água para o gasto e uso rotineiros.

Segundo a Revista do IHGP, publicada em 1911, a "alagoa do Banaboié" media "uma milha de circuito".

Alguém ainda lembra dos entregadores de água e de pessoas que lavavam roupa nos seus lagedos. Com o tempo, este açúde foi encampado e construído em seus arredores diversas casas. Uma ponte também foi colocada, dando travessias as pessoas que vinham da rua de Baixo (atual Silvino Olavo) para a Beleza dos Campos.

Em 1938 a "Academia Brasileira de Ciências" registrava a importância deste reservatório situado na "village of Esperança – Parahyba", colocando-o em 7º lugar.

## A FAZENDA BANABOÉ CARIÁ

As terras que se constituem hoje parte do município de Esperança, "era ocupado pelos currais de uma fazenda chamada Banabuié" (MEDEIROS: 1950, p. 91), que "perdurou até 1860" (MELO: 1995, p. 03).

O nome, de origem indígena, significa: Bana (borboleta) e Buy ou Puyú (brejo), cuja junção nos vem "Brejo das Borboletas". A sua grafia apresenta alterações de acordo com a época em que se insere, podendo variar de Banabuyé, Banabugê, Banabuhe, Banaboê, Banabuié, Banaboié ou Banabuiú, por exemplo.

Entre as realizações do Governo Vargas no Nordeste registram-se a conclusão do Açúde Banabuyé nos idos de 1940.

Em 1º de dezembro de 1968, na gestão do governo Pedro Moreno Gondim, foi reconstruído e inaugurado incluindo a sua iluminação pública.

Durante a construção da BR-104, este reservatório forneceu água e serviu para lavar os caminhões da empreiteira contratada. Outro fator que contribuiu para a sua morte foi o fato deste receber o esgotamento sanitário da cidade, levando ao apodrecimento das suas águas. Por fim, restava apenas a lama daquele que fora um dia o belo "Banabuyé" e que no início da nossa colonização chamou a atenção dos indígenas.

E em outubro de 2008, por ocasião do calçadão que circundou o campo da rodoviária, a placa do seu tombamento finalmente tombou, descerrando anos de história. E o que necessitava ser preservado foi retirado sem qualquer hesitação ou reverência à memória daqueles tempos.

---

Narra a história que o casal Marinha Pereira de Araújo e João da Rocha Pinto, descendentes dos Oliveira Ledo, "estabeleceram-se em Lagoa Verde (Banabuié - no brejo), cerca de oitenta quilômetros da fazenda Santa Rosa" (SOARES: 2003, p. 52).

Acerca de sua existência, podemos verificar que a Sesmaria nº 569, concedida em 1762, entestava "pelo poente com terras da fazenda Banaboé Cariá", que faziam "peão no sitio S. Thomé onde fizeram cazas de palha" (TAVARES: 1910, p. 302).



O Capitão-mor Clemente de Amorim e Souza, em um documento de 1757, menciona: "o sítio chamado Banabué situado a beira de um açude".

Por sua vez, a Data de nº 930, de 16 de outubro de 1789, cita igualmente o "Riachão de Bonaboié" em toda a sua extensão, assim como a Lei Provincial Nº 651, de 04 de outubro de 1877, refere-se a Banabuyé.

Irineu Joffily nos informa que: "Banabugê ou Esperança (...), era simplesmente uma fazenda de criação, (...). As gameleiras com que a rua principal está arborizada foram estacas dos currais da fazenda" (JOFFYLI: 1892, p. 10).

Aliás, a sua família costumava passar "os invernos em um pequeno sítio à sombra de imensa rocha, que guarda um pouco de umidade para os terrenos do nascente. O local era conhecido por Banabuié".

A propriedade se apresentava como entreposto de criação de gado, sob os domínios do Juizado de Paz do Cariry de Fora (1776), da jurisdição de Campina Grande.

Nela encontrava-se o maior e mais importante manancial da região, que era "a alagoa do Banaboié, com uma milha de círculo" (R.IHGP: 1911). E diversos tanques de pedra, a exemplo do velho Araçá. O lugar havia sido primitiva morada dos índios, que foram expulsos pelos colonos.

## O PROBLEMA D'ÁGUA EM ESPERANÇA

**N**ão é de hoje que Esperança enfrenta o problema da escassez d'água. Na Revista do IHGP de 1911, o autor tratava deste assunto chamando a atenção para uma possível falta d'água no futuro. Dizia que a construção de açudes e o desentupimento dos tanques poderia ser a solução mais viável.

Também menciona o extinto Banabuyé "com uma milha de círculo". Dá para imaginar o quanto esta manancial era importante.

Mas passados 100 anos nada foi feito e estamos finalmente no colapso total. Será que ainda há tempo?

A cada dia que se passa o reservatório de "Vaca brava" diminui de volume e segundo os técnicos a evaporação chega a 10 cm/ dia. Por outro lado, o açude "Saulo Maia", recém construído com verba federal, poderia muito bem servir a esta e outras cidades. Resta agora sabermos se existe vontade política para resolver este impasse.

\* \* \*

## Página poética

### Triste Olhar

Passo e ele me segue  
Até me perder na impotência da retina.  
Sem brilho, cinzento, úmido...  
Ah, triste olhar que me suplica  
Um pouco de algo perdido,  
Algo sentido, implorado e querido,  
Que lhe tirou o brilho,  
Doou-lhe a lágrima  
Inchou suas pálpebras,  
Roubou-lhe o mundo.  
Ah, triste olhar que chora melancolias  
Triste olhar que vai e que vem  
Em busca das belezas  
Que ficam detrás do horizonte,  
Bem longe, onde se esconde o sol  
E onde imagina encontrar a felicidade.

**Raimundo Viturino**, Em 25/09/1989